

Desastre Sanitário

DEPOIS DE UM INTERVALO DE OTIMISMO, OS MATIS VOLTAM A ENFRENTAR EPIDEMIAS E TÊM DE REPENSAR O SEU FUTURO

Por Hilton S. Nascimento, do CTI, e Philippe Erikson, da Universidade Paris X - Nanterre

Trinta anos depois dos primeiros contatos com a Funai e um quarto de século depois da última onda de epidemias mortíferas, os Matis pareciam estar a dois passos de ter enfim reencontrado o seu equilíbrio demográfico, psicológico e cultural. No fim de 2005, a população foi estimada em 280 pessoas (*versus* 87 em 1983). Os rituais, as malocas, as tatuagens e mesmo um pouco de xamanismo haviam sido recuperados, enquanto os contatos com o mundo exterior realizavam-se em condições cada vez mais justas e serenas, à medida que aumentava o bilingüismo e a taxa de alfabetização dos jovens, principalmente após o início das atividades da Escola Matis pelo CTI. Os Matis pareciam ter recuperado a confiança no futuro e renascia a esperança.

A situação sanitária desastrosa com qual eles se encontram hoje confrontados, no entanto, ameaça aniquilar todos esses motivos de otimismo. A epidemia de hepatite B que ronda atualmente a bacia do Javari põe brutalmente em risco a sobrevivência tanto física como cultural dos Matis.

REARRANJOS SOCIOCULTURAIS

Dentre as mudanças recentes, uma das mais importantes é certamente a separação dos Matis em duas comunidades distintas: Aurélio e Beija-Flor. A última, fundada em 2005, situa-se 45 km (em linha reta) a jusante da antiga aldeia, que remonta por sua vez a 1998. Do ponto de vista sociológico, a cisão foi feita de maneira totalmente previsível, a composição dos dois grupos retomando as linhas de fração já visíveis desde o início dos anos de 1980. Essa separação, que alguns Matis já desejavam há mais de 20 anos – mas não conseguiam concretizar pois preferiam permanecer próximos aos serviços da Funai – traduz claramente uma menor dependência com relação à assistência do órgão de tutela. Aliás, em fevereiro de 2006, nenhum funcionário nem da Funai nem da Funasa estava presente em ambas as aldeias e as reservas de medicamentos estavam depauperadas (particularmente, faltava soro antiofídico e anti-palúdicos). O estabelecimento de uma nova aldeia marca também a vontade de se distanciar dos Marubo (que vivem a montante, no rio Ituí) e, ao mesmo tempo, de se reaproximar um pouco da cidade.

A emergência de uma nova geração de jovens adultos é um outro traço destacável da situação atual. Há cerca de seis anos, aqueles nascidos depois do contato, dos quais alguns dominam perfeitamente o português, chegaram à maturidade, constituíram famílias e introduziram novas práticas, dentre elas o futebol, nova paixão da juventude. Alguns jovens Matis, com maior contato com a cidade, já tinham experimentado as alegrias deletérias das bebidas alcoólicas, mas o segundo semestre de 2005 foi marcado pela introdução dessas bebidas na própria aldeia em ocasião de bailes festivos que costumam terminar num grande caos. Os mais velhos, que continuam a recusar a cachaça, vendo nela uma caçuma excessivamente fermentada, se lamentam e, além disso, acreditam que caçar seria bem mais útil do que jogar futebol o dia inteiro.

A escola introduzida pela Funai, assumida posteriormente pela prefeitura e a partir de março de 2002 pelo CTI, tornou-se um lugar importante que ritma os dias dos jovens e

parece responder às suas aspirações. O primeiro livro didático em língua matis feito pelos alunos e professores com assessoria de Hilton Nascimento – *Matsesën txu darawakit* – foi publicado em 2005 ao mesmo tempo em que era defendida, por Rogério Vicente Ferreira, a primeira tese de lingüística consagrada a essa língua (*Língua matis [pano]: uma descrição gramatical*. Campinas, Unicamp, 2005). Vale ressaltar que o livro foi dedicado à memória das duas primeiras vítimas matis que tiveram confirmação de hepatite B, o jovem Bëux Awaranubu, morto em 24 de outubro de 2003 na idade de 15 anos, e o outro jovem Bëux Matis, morto em 6 de abril de 2005 na idade de 16 anos. A tragicidade desses falecimentos é ainda maior, já que o primeiro rapaz tinha (teoricamente) recebido as três doses para ser imunizado contra a doença.

Todas essas inovações apresentam muitos aspectos positivos. O outro lado da moeda – como não cansam de lamentar os mais velhos – é, no entanto, o fato de os mais jovens, muito ocupados em imitar os brancos, não saberem mais caçar. Eles parecem até ter perdido todo o interesse no uso da sarabatana, que apenas os homens nascidos antes ou logo após o contato ainda utilizam. Isso vai de par com uma modificação profunda das estratégias de caça colocadas em prática para abastecer a aldeia. O crescimento demográfico, a sedentarização, a diminuição relativa do número de caçadores e a introdução de espingardas e motores acarretaram maior dependência em relação à caça de queixadas – a única capaz de fornecer um rendimento suficiente – em detrimento de práticas cinegéticas mais generalizadas que antes prevaleciam. A dependência em relação ao mundo exterior (combustível, cartuchos etc.) está ali, sem dúvida, em vias de expansão.

No plano das aparências, podemos constatar que o uso de roupas tornou-se sistemático entre os adolescentes, cujo figurino passou a incluir jeans, tênis, boné de baseball, óculos escuros. Apenas aqueles que têm mais de trinta anos, os últimos a dispor da ornamentação tradicional completa, ainda passeiam de torso nu sem problemas. Reforçando uma tendência que se desenha há cerca de dez anos entre os adolescentes, a maioria das mulheres adotou um visual que dificilmente as distingue de suas vizinhas marubo (penteado, saias, miçangas, maquiagem). Os antigos colares de murumuru são cada vez mais substituídos por miçangas, e os colares de dente de macaco, antigamente onipresentes, de certo modo desapareceram, o que se deve à redução das espécies de pequenos macacos (zogue-zogue, sauim etc.) e pela demanda insaciável do mercado turístico. À primeira vista, apenas a permanência das tatuagens permite ainda distinguir os Matis. No início de 2002, apesar de três dentre eles terem se recusado pela primeira vez a se submeter às práticas tradicionais, não menos de 45 jovens foram tatuados, 24 rapazes e 21 moças. Os ornamentos auriculares, os botoques labiais e as espinhas nasais estão decerto em vias de rarefação, mas a prática da tatuagem mantém-se bastante viva.

NOVOS ATORES

No que se refere à política exterior, o fato mais marcante é sem dúvida a aparição de novos atores, justamente no momento em que os parceiros tradicionais vêem seu papel diminuído. A Funai de Atalaia do Norte, antigamente toda-poderosa e bastante respeitada pelos Matis, passou a ser considerada como um ator secundário, tanto que o cargo de chefe de posto está vago há mais de um ano. Por outro lado, a Frente de Proteção Etno-Ambiental Vale do Javari (FPEVJ) ganhou uma importância considerável. O posto de vigilância que se encontra na confluência dos rios Ituí e Itacoaí emprega regularmente alguns Matis que, ganhando cerca de R\$ 260,00 por mês, servem ali de intérpretes,

caçadores, pedreiros e guardas florestais. A base serviu também como pólo de intermediação na venda de artesanato.

Os Matis, cuja língua é próxima o suficiente do Witxombo (Korubo) para que eles possam se comunicar, tiveram um papel fundamental nos primeiros contatos com esses últimos. Conseqüentemente, eles apostaram muito, em termos políticos, na Frente de Contato, uma vez que o Conselho Indígena do Vale do Javari (Civaja) parecia-lhes dominado demais pelos Marubo para que eles pudessem exercer ali alguma influência. Ultimamente, a intensidade das relações com o posto de vigilância foi atenuada. A Frente não oferece mais que três empregos (no lugar de seis, como anteriormente), proíbe os Matis que estão de passagem de dormir no posto e, na falta de comunicação eficaz com eles, tem cada vez mais recorrido aos Marubo (que dominam mais o português). Além disso, à revelia da Frente, certos Matis comercializam diretamente com o pequeno grupo de Korubo contatados (para conseguir deles os cipós *tatchik* utilizados na decocção ritual), e estes últimos comercializam por vezes diretamente com os habitantes da comunidade ribeirinha do Ladário, fora dos limites da terra indígena. No entanto, as relações entre os Matis e os Korubo, depois de um período de estabilidade, tornaram-se nos últimos tempos um pouco menos amigáveis: os Korubo são acusados de serem avaros em relação aos seus *tatchik* (dos quais eles têm o monopólio), e a morte (por hepatite) de um jovem Matis foi interpretada por sua família como resultante de um envenenamento da parte dos Korubo que ele teria visitado quando trabalhava no posto de vigilância. É no entanto difícil saber muito mais sobre esses temas em razão da pouca pesquisa sobre a complexidade da relação entre os Matis e Korubo.

Há vários anos, os Matis participam de todos os Jogos Indígenas, onde, apesar de serem por vezes abrigados e alimentados sob condições pouco dignas, têm a oportunidade de ver o mundo e vender um pouco de artesanato.

Dentre os novos atores que passam a encontrar freqüentemente os Matis, os turistas e os cineastas (assimilados a uma só categoria) assumem um papel crucial, em razão da abertura ao mundo e aos bens materiais bastante consideráveis que eles trazem. Os turistas (e os cineastas) que não conseguem obter autorização para chegar aos Matis lançam mão por vezes de uma estratégia que consiste em encontrá-los fora da reserva. São as filmagens “oficiais”, no entanto, que propiciam um maior retorno econômico, trazendo bens caros, como motores peque peque, rádio-emissores, painéis solares, microscópios e centenas de litros de combustível, itens que seria impossível aos Matis obter de outro modo. Alguns longa-metragens foram realizados para a Discovery Chanel, Arte, Canal +, Canal Futura e a BBC em 1998, 2000, 2004 e 2006. Notemos, enfim, que, para vender artesanato, os Matis seguem cada vez mais a Letícia, na Colômbia, onde nem sempre conseguem pagamentos justos.

XAMANISMO AMEAÇADO

A primeira mulher a dar à luz em Beija-Flor – símbolo da nova era que se abre na história Matis – teve gêmeos e, em seguida, duas pessoas foram atacadas nas imediações por onças. Tudo isso foi percebido pelos habitantes do lugar como um signo de mau augúrio. Além disso, um homem adulto que teve de ser removido para Tabatinga recusou-se a partir, declarando que preferia morrer ao redor dos seus a ter de ir para um hospital. Isso causou grande inquietação. Atingido pela malária, ele alegava que os brancos nada podiam fazer para salvá-lo e, como se não bastasse, arriscavam expô-lo a perigos sobrenaturais ainda mais graves. Ironia do acaso: esse homem sentia-se particularmente vulnerável, mais precisamente porque estava em processo de aprendizado xamânico e buscava afastar o infortúnio de sua aldeia. Há um ou dois anos, seu pai defunto tinha lhe

aparecido em sonho para lhe ensinar como proteger os seus contra os perigos que os rodeiam.

Muitas entrevistas revelam que, desde que as epidemias pós-contato dizimaram seus últimos xamãs propriamente ditos, os Matis se sentem ao mesmo tempo vulneráveis e dependentes dos brancos. Eles consideram-se um povo órfão, uma vez que os mais velhos, falecidos cedo demais, puderam lhes transmitir apenas poucas migalhas dos poderes que detinham outrora. Idealizando um pouco o passado, sem dúvida, as pessoas interrogadas afirmam que a vida de antes do contato era incontestavelmente melhor, pois as doenças importadas não tinham chegado ainda, enquanto os males tradicionais permaneciam perfeitamente sob o controle dos *xomerekit* e dos *dawëchekit* (xamãs e herbaristas) de outrora. Com sua ausência, tornou-se impossível, cada vez mais, voltar a viver tranquilamente no meio da floresta, não restando nada mais a fazer senão esperar a morte às margens do Ituí, dividindo-se entre a indignação, a resignação, a nostalgia e o desespero. (fevereiro, 2006)